

En Santiago, seend' albergado en mia pousada. Nótulas trovadorescas compostelanas¹

José Ant3nio Souto Cabo
Universidade de Santiago de Compostela

RESUMO. Atrav3s da an3lise de fundos documentais in3ditos do Arquivo da S3 Santiago, o trabalho oferece dados que permitem identificar ou definir com maior precis3o os perfis biogr3ficos de v3rios poetas da l3rica galego-portuguesa. Em concreto, foram explorados tr3s cartul3rios: o *Tombo C*, o *Livro primeiro de ten3ncias* e o *Livro segundo de constitu33es*. Trata-se de informa33es de natureza diversa referentes a Afonso Eanes do Cotom, Bernardo de Bonaval, Jui3o Bolseiro, Martim Moxa, Nuno Fernandes Torneol, Paio de Cana, Paio Gomes Charinho, Pedro Meogo e outras figuras menores. O aspeto de maior interesse tem a ver com a liga33o dessas figuras ao 3mbito compostelano, nomeadamente ao mundo clerical da S3. O artigo inclui um “Ap3ndice documental” com a edi33o, total ou parcial, dos diplomas estudados.

Palavras chave: L3rica galego-portuguesa. Diplom3tica. Santiago de Compostela. Afonso Eanes do Cotom, Bernardo de Bonaval, Jui3o Bolseiro, Martim Moxa, Nuno Fernandes Torneol, Paio de Cana, Paio Gomes Charinho, Pedro Meogo.

ABSTRACT. Through the analysis of unpublished documents from the Archive of the Santiago de Compostela Cathedral, this paper collects data that allow us to identify or define with greater precision the biographical profiles of various Galician-Portuguese poets. Three cartularies have been examined, specifically: the *Tombo C*, the *First Book of Tenency*, and the *Second Book of Constitutions*. They provide information of diverse nature with regard to Afonso Eanes do Cotom, Bernardo de Bonaval, Jui3o Bolseiro, Martim Moxa, Nuno Fernandes Torneol, Paio de Cana, Paio Gomes Charinho, Pedro Meogo, and other minor figures. The aspect with greatest interest is their relationship to the Compostelan

Data de recepci3o: 10-03-2012 Data de aceptaci3o: 16-05-2012.

¹ Este trabalho faz parte dos projetos: PGIDIT06CSC20401PR, PGIDIT09SECO23204PR e PGIDITINCITE-09204068PR. Agradecemos a ajuda que nos foi oferecida por Jos3 Maria D3az Fern3ndez, Francisco Javier P3rez Rodr3guez e Carmen Manso Porto.

environment, especially the clerical world of the Cathedral. The article contains a “Documentary appendix” with the total or partial edition of the diplomas that have been considered.

Key-words: Galician-Portuguese lyric. Diplomatics. Santiago de Compostela. Afonso Eanes do Cotom. Bernardo de Bonaval. Juião Bolseiro. Martim Moxa. Nuno Fernandes Torneol. Paio de Cana. Paio Gomes Charinho. Pedro Meogo.

1. INTRODUÇÃO

A documentação do Arquivo da Catedral de Santiago (cit. ACS) foi utilizada por Antonio López Ferreiro (1903: 347-381), cónego compostelano, para elaborar uma das primeiras aproximações aos perfis humanos dos autores da lírica galego-portuguesa. Contudo, o aproveitamento daquele material diplomático ficou muito aquém do que, em princípio, seria esperável. Essa circunstância, somada ao facto de uma boa parte dos fundos dessa instituição não ter sido publicada, fez com que alguns dados de grande interesse para avançar no conhecimento do movimento poético tenham permanecido inéditos.

A constatação dessa carência levou-nos, em tempos recentes, a explorar algumas fontes documentais do arquivo catedralício, pesquisa que resultou na identificação de figuras como Airas Fernandes Carpancho, cuja biografia só pôde ser estabelecida graças a diplomas copiados no *Tombo C*². É nessa linha que se insere o trabalho que agora se apresenta, com o qual esperamos contribuir para uma melhor localização histórica e cultural de Afonso Eanes do Cotom, Bernardo de Bonaval, Juião Bolseiro, Martim Moxa, Nuno Fernandes Torneol, Paio de Cana, Paio Gomes Charinho e Pedro Meogo³.

É precisamente o *Tombo C* (cit. *TC*) a fonte mais produtiva das utilizadas neste estudo. Esse cartulário aparece desprovido do valor artístico que acompanha os dois códices compostelanos cronologicamente anteriores, porém, vantagem-os no volume e, sobretudo, pela variedade da série documental nele reproduzida. Com efeito, o registo não se limitou, como no caso dos *tombos A e B*, aos diplomas régios ou pontifícios, também foram integradas escrituras de interesse para a Sé de Santiago procedentes das mais diversas camadas sociais. Mandado reunir em 1328 por Aimeric de Anteiac, tesoureiro da Igreja compostelana em tempos de Berengário de Landoira, o *TC* conta com 1186 escrituras: 1 do séc. X, 170 do séc. XII, 848 do séc. XIII e 167 do séc. XIV (Díaz y Díaz 1985). Trata-se, portanto, de um dos mais importantes núcleos diplomáticos para a história da Galiza e, nomeadamente, para a da

² Veja-se Souto Cabo-Vieira (2003). Essa mesma fonte foi aproveitada para esclarecer a biografia doutros poetas galego-portugueses, entre eles, a de Pedro Garcia de Ambroa (Souto Cabo 2006), Lopo Lias (Souto Cabo 2012a), Sancho Sanches (Souto Cabo 2012b), D. Juião, Osório Eanes (Souto Cabo [no prelo]), etc.

³ Algumas das informações referidas neste trabalho foram antecipadas em Viera-Morán Cabanas-Souto Cabo (2012).

cidade de Santiago. No apêndice documental reproduzimos, total ou parcialmente, dezanove escrituras desse *TC* relacionadas com as personalidades aqui estudadas⁴.

Os dados apresentados procedem, em menor medida, do *Livro segundo de constituições* (cit. *LC*) e do *Livro primeiro de tenências* (cit. *LT*). A compilação do primeiro responde exatamente às mesmas circunstâncias que explicam a existência do *TC*. Quanto ao *LT*, trata-se de uma iniciativa do arcebispo Gomes Manrique levada a efeito em 1352. Contudo, nele também encontramos, em múltiplas ocasiões, ampla informação sobre os antecedentes históricos dos bens nele arrolados⁵.

2. OS POETAS⁶

2.1. Juião Bolseiro

Até à atualidade, não contávamos com informações relativas a Juião –ou Julião– Bolseiro, autor de algumas das composições mais originais da escola. No entanto, o relacionamento literário com João Soares Coelho (1235-1279) e com Mendo Rodrigues Tenoiro (1269)⁷ (Oliveira 1994: 377), bem como a sua integração no «cancioneiro de jograis galegos»⁸ tinham permitido avançar algumas conjeturas sobre a sua biografia e atividade poética. Assim, os autores da *Lírica Profana* situavam-no «a mediados do séc. XIII ou no terceiro quartel e nos ambientes que rodean ó séquito do infante Afonso ou na corte deste cando xa é rei ... consideramos que é no séquito do infante onde madura grande parte do seu projecto poético, do que salientamo-la sua participación no ciclo das amas, orixinado por unha cantiga de Johan Soarez Coelho» (p. 576).

Uma escritura de 1240 (**D.3**) oferece o único registo histórico conhecido, por enquanto, sobre o poeta. Trata-se da compra-venda de uma casa na rua do Preguntoiro ratificada por um “Iulianus Arie, bursarius”⁹. É possível que o apelido com que o conhecemos tenha estado ligado à custódia das *bursas* em que se guardavam, entre outros emolumentos, as doações

⁴ A referência remissiva a essas escrituras é indicada, entre parênteses, pela letra «D.» seguida do número de ordem do documento em questão.

⁵ Notemos que essa compilação não inclui datações explícitas.

⁶ Salvo casos excepcionais, não submetemos a análise as propostas identificativas prévias sobre os diferentes nomes envolvidos neste trabalho.

⁷ Juião Bolseiro é coautor, com os anteriores, das tenções: *Joan Soares, de pran as melhores e Juião, quero tigo fazer*.

⁸ Oliveira (1994) define, com esse título, uma secção da tradição manuscrita cujos integrantes seriam jograis. No entanto, essa etiqueta pode ser equívoca, salvo se atribuirmos ao termo «jogral» o significado genérico de ‘poeta de condição social não aristocrática’, sem qualquer conotação profissional.

⁹ Conhecemos, pelo menos, outros dois indivíduos caracterizados por esse mesmo sobrenome: “Dominicus Palaez, bursarius” (*TC*, fól. 65v [1199]) e “Johannes Johannis, bursarius” (*TC*, fól. 132r [1230]).

monetárias efetuadas pelos fiéis¹⁰; o que nos permite suspeitar que estamos perante um membro da Sé de Santiago¹¹.

2.2. Martim Moxa

Subsistem algumas dúvidas sobre a denominação, origem e estatuto social de Martim Moxa. Quanto à forma do sobrenome, a crítica tem hesitado entre as variantes «Moya» e «Moxa»¹². A primeira ocorre na (*autonominatio* da) cantiga B 917/V 504 e em B 886/V 470; o resto dos testemunhos apresenta o resultado «Moxa» que observamos na Tavola Colociana, em todas as rubricas atributivas de Colocci e na terceira estrofe de uma composição de João de Gaia [1287-1319]:

— Comede migu', e diran-nos cantares de Martin **Moxa**.
 Diz el en est': E meus narizes color d' escarlata **roxa**?
Vós avedes os alhos verdes e matar-m' iades con eles!
 (B 1452-V1062)

A rima com «roxa» assegura, sem lugar para dúvidas, que se trata de «Moxa» e não de «Moya», forma errada que se originou pela proximidade paleográfica entre «x» e «y»¹³.

Relativamente à condição social, existe consenso em considerá-lo religioso, segundo se depreende da integração do seu nome na «compilação de clérigos» e do conteúdo da cantiga mencionada (B 917/V 504), em que se descreve a si próprio como clérigo:

De Martin Moxa posfaçan as gentes
 e dizen-lhe por mal que é casado.
 Non lho dizen senon os maldizentes,
 ca o vej' eu assaz hom' ordinhado
 e moi gran capa de coro trager
 [...]

Aliás, o caráter moralizante de uma parte importante da sua obra e as abundantes citações bíblicas «demonstram a cultura clerical do autor» (Fernández Campo 1993: 439). Ora bem, a composição dessa coletânea eclesiástica, formada de modo quase exclusivo por tro-

¹⁰ A documentação alude, em vários casos, a esses recipientes (López Ferreiro 1903: 128, 161, 178, etc.).

¹¹ As bases sociológicas sobre as quais se desenvolveu a poesia cortês levam-nos a pôr de lado a possibilidade de se tratar de um fabricante de bolsas.

¹² A forma «Moya» foi preferida por Stegagno (1968) num estudo monográfico sobre o autor.

¹³ Sobre o assunto, veja-se Fernández Campo (1993: 438). Oliveira (1994: 383) prefere a grafia «Moya» pela sua presença nas (outras) cantigas e, talvez, pela naturalidade que supõe para o trovador. O «Moia» de V 470 remonta certamente a «Moya». O «x» é suscetível de ser confundido com «y» na escrita manual do período, o que não acontece ao contrário.

vadores de origem compostelana (Airas Nunes, Rui Fernandes, Paio de Cana, Sancho Sanches), convida a pensar que nos encontramos perante um membro da Sé de Santiago ativo nas últimas décadas do séc. XIII.

É precisamente nesse âmbito e período cronológico que localizamos um cónego compostelano, «Martinus Iohannis, dictus “Moxe”» (*LC*, fól. 71v [1281]), em cujo apelido latiniante podemos reconhecer o «Moxa» aposto ao nome do poeta¹⁴. Por outro lado, a informação do *LT* revela que esse (cónego-)arceidiago tinha morado numa casa da rua compostelana da (Fonte da) Rainha e que contava com propriedades em Lestrove (c. Dodro):

Da casa da Fonte da Reina, em que morou o arceidiago don Martin Moxe e despois Fernam Godino, cõego, soldos VIIIº. Despois morou em ellas Fernam de Castellom, agora estam vagas e destruidas. Som da teença de Trasouto (fól. 70r).

Item, hûu casal en Lestrove, que mandou o arceidiago dom Martim Moxe ao cabidoo, et fui juntado a esta teença, demande-o o teenceiro e veja a manda do dito arceidiago pera saber onde é este casal (fól. 52r).

Outras escrituras ajudam a reconstruir, em parte, a estrutura do grupo familiar do poeta e a definir a sua cronologia. João Martins Moxe, um dos homens de Nuno Fernandes (cónego compostelano e arceidiago do Salnês), confirma o testamento desse D. Nuno em 1276, sendo também beneficiado pelo mesmo (**D.16**). Por sua vez, «Petrus Moxe» ou «Petrus Iohannis, dictus “Moxe”», provavelmente filho do anterior, é um porcioneiro¹⁵, documentado entre 1269-1282, que em 1310 tinha atingido o estatuto de cónego (**D.14**)¹⁶. Martim (Eanes) Moxa poderá ter sido filho desse João Martins e irmão de Pedro Eanes¹⁷. A colocação temporal que, para a atividade literária do poeta (ca. 1270-1305), podemos retirar dessa conexão familiar coaduna-se com o facto de ser o penúltimo autor de A (antes Rui Fernandes de Santiago)¹⁸.

¹⁴ Notemos que se trata de documentos latinos (*TC* e *LC*) e que no *LT* os apelidos ocorrem com uma alta frequência sob versão latina.

¹⁵ O porcioneiro (ou racioneiro) pertencia a uma categoria inferior à dos cónegos. A adoção do ofício religioso por vários irmãos conta com numerosos exemplos na altura.

¹⁶ Ele aparece entre os cónegos que estiveram presentes numa reunião do cabido: «Era Mª CCCª XLª VIIIª presentibus: Domnus Aria Petri Pardo, decano [...]. Petro Moxe, Fernando Iohannis, Martino Martini, Martino Fernandi, canonicis compostellanis» (*TC*, fól. 267r). Ainda o documentamos nesse cargo em 1311 (*LC*, fól. 73v) e 1314 (*LC*, fól. 75r).

¹⁷ Existiu um outro Martim Eanes, cónego compostelano, arceidiago de Cea (Leão) e irmão de Bernardo Hispano (capelão do Papa, cónego de Tui, beneficiado de Santiago e deão de Lisboa). A ausência do apelido «Moxe» e a cronologia deste (segundo) Martim Eanes, documentado em 1253 e 1255 (Mansilla Reoyo 1945: 238; Rodríguez de Lama 1976: 121), dificultam a identificação com a personagem em apreço.

¹⁸ A cronologia de Martim Moxa poderá ser um dos argumentos para situar a confecção desse cancioneiro no primeiro quartel do séc. XIV: «[...] o acrescento de novos autores por parte do seu compilador [de A], tornando esta última hipótese menos aceitável, obriga-nos a avançar para o primeiro quartel do séc. XIV como período mais provável dessa produção. Neste particular [...] um melhor esclarecimento sobre as biografias de Rui Fernandes de Santiago e, em particular, de Martim Moxa, poderão, num futuro próximo, conduzir a uma mais clara definição dos parâmetros temporais da sua confecção» (Oliveira 1994: 265). Lembremos, contudo, que a presença de Martim Moxa na compilação de clérigos poderá sugerir a existência de duas vias de entrada da sua produção na tradição manuscrita.

2.3. Paio de Cana

Um diploma do *TC* lavrado em Compostela em 1243 (**D.4**) constitui o registo mais antigo sobre Paio Peres de Cana, personagem em quem reconhecemos o poeta homónimo¹⁹. Por sua vez, o *LT* nota que foi cônego compostelano e abade da Colegiada de Valladolid: «Item, a auçon que o cabidoo he ennos bêes que foron de Paai da Cana, abade que foi de Valladolid et cõego de Santiago, porque morreu sem testamento» (13v). Ele ocupou aquele cargo ca. 1281-1283²⁰, período em que foi, ao mesmo tempo, administrador da Diocese de Santiago²¹. A sublevação do futuro Sancho IV contra o pai fez com que se tenha refugiado em Sevilha, onde o encontramos no ato pelo qual Afonso X, em 1283.11.08, deserdou D. Sancho (Ortiz de Zúñiga 1795: 331)²². Não conhecemos outros testemunhos posteriores sobre o poeta que, na altura, já devia ter atingido uma idade avançada²³.

2.4. Bernardo de Bonaval

Uma das personalidades poéticas mais célebres dos nossos cancioneiros é Bernardo (ou Bernal) de Bonaval, autor a quem aludem Afonso X, Airas Peres Vuitorom, João Baveca e

¹⁹ Este poeta foi objeto de um estudo prévio (Souto Cabo 2012b: 778-779). Neste caso, centramos a nossa atenção, de modo preferente, em dados ali não analisados.

²⁰ «ego, Pelagius Petri, abbas Vallisoleti» (Castro Toledo 2010: 268, nº 198 [1281.09.04]). O abade anterior, Gil Gomes de Villalobos, ocorre pela última vez em 1280.02.04 e o seguinte, Gomes Garcia, em 1284.03.26. Uma escritura de 1290.10.14 alude a ele num tempo pretérito: «Et de las vinnas que la Reyna a en Valladolid por razon que era el diezmo de la iglesia de Valladolid, et que era prestamero de aquel logar, e que gelo diera el abbat Pay de Cana» (Castro Toledo 2010: 328-329, nº 241).

²¹ «Pelagius Petri, abbas Uallis Oleti, uicarius archiepiscopatus Sancti Iacobi» (*LC*, fól. 54r [1281]). O arcebispo D. Gonçalo Gomes, enfrentado com Afonso X, fora expulso da diocese pelo monarca.

²² As alusões documentais a membros da linhagem de/da Cana evidenciam que o grupo familiar estava sediado no coração da cidade: «a casa [na rua do Vilar] que fui de Marina Fernandes da Cana» (*LT*, fól. 12r), «Item, outras cassas grandes ao Forno da Cõega em que suia morar Aras peres da Cana» (*LT*, fól. 20r), «esta oitava [da igreja de S. Tomé de Sorribas (c. Rois)] tem Rui Padrom, fillo de Pero Aras da Cana» (*LT*, fól. 25r), «Item, hûas casas enna rua Nova ante a porta de Santa Maria Salame em que mora Maior Pelaes da Canna» (*LT*, fól. 59v), «Item, perlo sotoo que esta a so as casas em que morou Marina Fernandes da Cana e despois Johan da Cana, seu filho, por Johan Abade, cõego [...] agora som estas casas de Catallina Martiis, moller que foy do dito Johan da Cana» (*LT*, fól. 66v), «Item, de hûa casa que esta enna rua da Figueira, em que morou hûu home de Marina Fernandes da Cana» (*LT*, fól. 66v), «Item, dous casares enno Ejo, que som da voz de dom Aras da Cana» (*LT*, fól. 79v), etc. «Airas Petri, dicto de Cana», provavelmente irmão do poeta, aparece num grupo de indivíduos qualificados como «ciuibus compostellanis» (*LC*, fól. 59v).

²³ É interessante notar que Gomes Garcia, outro dos membros da «compilação de clérigos» –a que pertenceu o de Cana– também foi abade daquela colegiada valhisoleta entre 1283 e 1286. Ao que parece, D. Gomes (pertencente à linhagem dos Soutomaior, muito vinculada à Igreja de Santiago) chegou a pretender a mitra compostelana (López Ferreiro 1902: 253-254). Porém, D. Paio e D. Gomes mantiveram posicionamentos políticos opostos, já que este último foi «privado del infante don Sancho IV», segundo informa a *Crónica de Alfonso X* (Beltrán 1996: 132). Veja-se também Lorenzo Gradín (1996).

Pedro da Ponte²⁴. A referência jocosa do monarca a um estilo de trovar próprio de D. Bernardo, compartilhado por Pedro da Ponte e oposto ao provençal, parece refletir, de modo indireto, o sucesso literário do poeta. Essa popularidade poderá ser relacionada com o facto de ele ter sido o autor que, em dada altura, abria o «cancioneiro de jograis galegos», segundo se deduz da rubrica «En esta folha adeante se comenzam as cantigas d' amor. Primeiro trovador Bernal de Bonavalle» (B fól. 225v).

De acordo com o conteúdo de várias das suas cantigas, em que se citam o bairro e o templo de Bonaval desse mesmo local, deve ser considerado natural da capital galega²⁵. Aliás, a propaganda que faz desse santuário, levantado pelos dominicanos, sugere a existência de vínculos estreitos com essa instituição²⁶. Ora, no testamento do juiz compostelano Fernando Afonso (D.17), lavrado em 1279.08.05, encontramos um «frater Bernardus, prior Bone Uallis» (frei Bernardo, prior de Bonaval²⁷) que suspeitamos foi o poeta homónimo. A favor dessa identificação depõe o tratamento de «Dom» que lhe concedem os outros poetas: «Don Bernaldo, quero-vos preguntar» (Abril Peres B 1072/V 663), «Don Bernaldo, por que non entendedes» (Airas P. Vuitoron B 1475/V 1086), «Don Bernaldo, pesa-me que tragedes» (João Baveca B 1459/V 1069), «Don Bernaldo, pois tragedes» (Pedro da Ponte B 1641/V 1175)²⁸. É nessa mesma direção que aponta a existência de uma tenção composta em parceria com Abril Peres, poeta que podemos reconhecer numa personagem compostelana citada em 1269 no testamento do cônego compostelano Fernando Abril (D.15). Este último foi familiar

²⁴ Só Afonso X é que se refere a ele, por extenso, como Bernaldo de Bonaval: «Vós non trobades come proençal, / mais come Bernaldo de Bonaval» (B 487/V70). Os outros autores citam-no como «Don Bernaldo» (*cf. infra*). Consideramos que se trata, muito provavelmente, da mesma personagem histórica, como de facto tem sido reconhecido pela crítica. A vida e obra do poeta foram objeto de estudo monográfico por Indini (1978).

²⁵ Oliveira (1994: 324-325), partindo de um hipotético relacionamento do segrel com os Sosas, identifica Bonaval com uma pequena povoação situada na antiga terra de Toronho, no sudoeste da atual província de Pontevedra.

²⁶ A referência à «sagraçon» de Bonaval em *Diss' a fremosa en Bonaval assi* (B 1140/V 731) tem sido utilizada para situar cronologicamente a cantiga. No entanto, além de não ficar muito claro se se trata de uma das consagrações da igreja, do dia em que se comemorava esse ato ou de uma festa religiosa, não temos dados que nos permitam apurar quando é que foi concluído o primeiro templo dominicano. De facto, só contamos com uma lacónica notícia sobre a cabeceira do edifício, contida numa compra-venda de 1230 entre o Hospital de Jerusalém e o prior de Bonaval («illum agrum qui est contiguuum monasterio uestro in parte superiori, et ad caput ecclesie uestre situm est») (Manso Porto 1991: 1790). Ora bem, devemos lembrar que a construção começava por essa área e que a igreja atual, sobretudo no referente às absides, é o resultado de múltiplas reformas ao longo dos sécs. XIII e XIV. A profunda crise económica e política que sofre a Galiza, a partir de 1230, impediu novas fundações dominicanas até ca. 1250/1260 e poderia ter provocado, até a esse período, a interrupção da obras de S. Domingos.

²⁷ Ele é um dos beneficiados nessa manda e, ao mesmo tempo, cumpridor da mesma.

²⁸ Precisamente, se aceitarmos essa proposta identificativa, alguns desses textos ganham novos sentidos e coerência, como é o caso da sátira que lhe dirigem Airas Peres e Pedro da Ponte. D. Bernardo é «acusado», por eles, de levar consigo uma mulher, facto que poderá provocar a intervenção da justiça régia contra ela. Essa crítica, de escasso interesse e consistência, adquire uma outra dimensão se considerarmos que o motejado era uma personalidade religiosa.

consanguineo desse Abril Peres e esteve aparentado como os Torneol (*cf. infra*)²⁹. A escassa documentação desse período que conservamos para o convento de Bonaval impede-nos de conhecer a trajetória de D. Bernardo na Ordem ou de circunscrever o período do seu priorado.

De acordo com essa hipótese, D. Bernardo virá somar-se à (cada vez mais importante) nómina de religiosos, sobretudo compostelanos, que participaram ativamente no movimento lírico galego-português, alguns dos quais analisados neste trabalho. Aliás, o facto de um homem de religião ter encabeçado esse cancioneiro não aristocrático galego poder-se-á constituir numa chave para definir a biografia, maioritariamente desconhecida, doutros membros do mesmo³⁰.

Quanto à sua presença na tradição manuscrita, ele ocorre numa sequência em que surge, em posições mais baixas, João Servando e Juião Bolseiro (*cf. supra*)³¹. O primeiro, do mesmo modo que Bernardo de Bonaval, integra na sua denominação o nome do santuário celebrado nas suas cantigas³².

2.5. Pedro Meogo

A produção de Pedro Meogo, constituída por uma série narrativa de seis cantigas paralelísticas, é um dos conjuntos poéticos mais justamente célebres da lírica galego-portuguesa. Essa avaliação positiva resulta em boa medida da utilização alegórica de diversos elementos naturais, sobretudo o cervo, símbolo polivalente em que convergem mitos pagãos de origem pré-histórica com a tradição cristã³³.

A bagagem cultural e as aptidões literárias que se refletem na sua obra levaram alguns investigadores a ver nele um clérigo de origem galega. No entanto, o impreciso da denominação com que é conhecido não permitiu identificá-lo, de modo verosímil, com nenhum indivíduo concreto. Pelo contrário, existem argumentos objetivos para o reconhecer no «Petrus Moogus» registado, em 1260 (**D.12**³⁴) e 1261 (**D.13**), como clérigo-presbítero na freguesia

²⁹ Abril Peres também é referido, em passado, num parágrafo do *LT* (fól. 22r): «Item, a meadade da cassa do Acinto Vello, a quel mandou ao cabidoo Branca Eanes, moller de Abril Peres».

³⁰ Notemos que em nenhuma das alusões documentais relativas ao prior consta patronímico ou apelido linhagístico, o que parece ser um sinal de origem não aristocrática.

³¹ Essa sequência surge, com pequenas variantes, em duas ocasiões no interior do «cancioneiro de jograis galegos» estabelecido por Oliveira (1994: 199).

³² Para além dos anteriores, a situação repete-se em Fernando do Lago. Essas designações, mais do que simples referências toponímicas, podem ser entendidas como: [antropónimo] + (clérigo / prior / frade / subprior) [(de)] + [topónimo / hagiopónimo].

³³ Sobre o autor, vejam-se, entre outros, os trabalhos de Méndez Ferrín (1966) e de Azevedo Filho (1981).

³⁴ Notemos que nessa escritura aparece como testemunha um “Iohannes Arie, rasor domini archiepiscopi” (João Airas, barbeiro do arcebispo) que logo nos lembra o “Joan Airas reedor” a que alude João Airas de Santiago, por ser confundido com ele, numa das suas cantigas (Rodríguez 1980: 313-314). Tal dado pode ajudar a definir a imprecisa cronologia do burguês compostelano.

de S. Simão de Ons de Cacheiras (c. Teo)³⁵, nas imediações de Compostela. Interessa notar que, em cada um dos dois atos documentais, ele surge acompanhado por um outro ator trovadoresco. Assim, na escritura de 1260 um dos confirmantes é Sancho Sanches, autor que também se integra na «compilação de clérigos» (Souto Cabo 2012b: 780-781). Já em 1261, Pedro Moogo intervém como um dos donos de um prado entre os quais se encontra o irmão, João Vasco, e um jogral de nome Martim (de Sisto)³⁶.

Os dados permitem concluir, em primeiro lugar, que o nome de Pedro Meogo terá sido Pedro Vasco (Meogo)³⁷. Provavelmente, ele esteve aparentado, em diversos graus, com alguns dos indivíduos que se declaram proprietários daquele prado e, portanto, também com o jogral citado. A localização geográfica dessa posse sugere que o seu grupo familiar procedia da freguesia de S. Simão de Ons-Cacheiras.

Não podemos descartar a existência de vínculos entre Pedro Meogo e a Sé de Santiago, concretamente com Fernando Afonso, deão dessa instituição (*cf.* *infra*). Com efeito, além de estarmos num espaço dominado diretamente pela Igreja compostelana, as duas escrituras registam compras efetuadas por D. Fernando. Este último –filho ilegítimo de Afonso IX– centrou os seus interesses na freguesia de Ons (sobretudo no lugar de Oseve), onde chegou a contar com um importante património territorial, resultado de sucessivas aquisições (Pérez Rodríguez 1994: 25)³⁸. O contexto familiar de D. Fernando sugere que pôde exercer um papel importante na difusão do trovadorismo no interior do estamento religioso compostelano (*cf.* *infra*).

2.6. Afonso Eanes do Cotom

Uma das figuras mais destacadas do cancionero satírico é Afonso Eanes do Cotom (ou Afonso do Cotom). O (auto)retrato burlesco que dele nos deixou Martim Soares em *Nostro Senhor, com' eu ando coitado* mantém uma clara continuidade com o feitio humano que se deduz das suas próprias composições escarninhas, caracterizadas pela presença, amiúde irreverente, do obsceno. Afonso X também alude ao trovador em questão, já falecido, quando acusa Pedro da Ponte de se servir fraudulentamente da herança literária daquele.

³⁵ Esse «Petrus Moogus» atua como testemunha, em 1260, numa venda de propriedades nessa mesma freguesia (Justo Martín-Lucas Álvarez 1991: 6, nº 5).

³⁶ Lugar dessa mesma freguesia de S. Simão de Ons de Cacheiras.

³⁷ A interpretação da forma «Meogo» em lugar do habitual «Moogo» muda em função da hipótese etimológica que adotamos. Do nosso ponto de vista, trata-se de uma forma conservadora derivada de MEDIO + LOCO (> Meoógo>Meógo/Moógo) –‘o que está no meio’– que observamos ocasionalmente na documentação do período : «no meogo della carta enuyou ensarada essa carta Del Rey» (Souto Cabo 2008, nº 151). Consideramos menos plausível a proposta que o faz derivar de MONACHU (> Mõago> Mõogo> Mõogo> Méogo). Neste caso estaríamos perante um resultado dissimulado secundário relativamente a «Moogo». X. L. Couceiro (2008) analisou, em estudo muito bem documentado, as formas «Meogo» e «Moogo» e a sua presença na documentação.

³⁸ Essas propriedades, cedidas ao cabido após a morte do deão, irão conformar a Tenência de S. Simão de Ons.

A existência do paço do Cotom em Negreira induziu a situar as origens da família e do próprio trovador nessa localidade, situada a 15 km da capital galega. Ora bem, pelo conteúdo de um documento de 1192 (D.1), sabemos que um «Iohannes Cothon», provavelmente o pai do trovador, contava com residência na capital galega. A escritura refere a existência de uma casa na «rua de Faiariis» (Porta Faxeira) propriedade desse João do Cotom, que também atua como testemunha. Se, como parece, já nessa altura estava casado, podemos situar o nascimento do poeta ainda nas últimas décadas do séc. XII, talvez na própria cidade de Santiago de Compostela.

2.7. Nuno Fernandes Torneol

A identificação do autor de *Levad', amigo, que dormides as manhãs frias* tem enfrentado alguns problemas relacionados com o sobrenome «Torneol». Durante algum tempo, tal forma foi considerada leitura errada da nota colocciana *turnello* ('refrão'), o que levou a pensar que poderia tratar-se de Nuno Fernandes de Mirapeixe³⁹. No entanto, a localização de um João Fernandes Torniol (Beltrán 1997: 92), provável irmão da nossa personagem, veio evidenciar a realidade dessa denominação e a sugerir algumas pistas sobre a biografia do poeta. Com efeito, um documento de 1244.11.18 demonstra que esse João Fernandes Torniol tinha propriedades em Córdova, do qual se deduz que participara na conquista dessa cidade em 1236.

Por outro lado, a transcrição inexata do apelido «Turniol» como «Turmol», numa edição do testamento do cónego compostelano Abril Fernandes (1269)⁴⁰, impediu de relacionar familiarmente o trovador com a capital galega⁴¹. De facto, na manda testamentária desse cónego aparecem três sobrinhos do titular –Afonso, Domingos e Paulo– caracterizados por esse sobrenome, mas sem a indicação de patronímico⁴² (D.15). Um «Fernandus Petri, dictus "Turniol", de Villari» atua como testemunha num ato documental lavrado em 1252 (D.7).

2.8. Paio Gomes Charinho

A identidade biográfica do poeta que foi «almirante do mar» é, em linhas gerais, bem conhecida, sobretudo a partir de 1284, ano em que recebeu aquele encargo administrativo. No entanto, são escassas as notícias que temos sobre Paio Gomes Charinho antes dessa data.

³⁹ Oliveira (1994: 393), partindo desse suposto, notava que: «Não encontramos quaisquer sinais da existência de um indivíduo com este nome na documentação consultada e, provavelmente, não o encontraremos nunca».

⁴⁰ O diploma foi publicado por Antonio López Ferreiro em *Galicia Histórica* 39, pp. 184-187.

⁴¹ Uma observação das versões manuscritas reproduzidas no *TC* permite descobrir a presença ocasional de uma plica ou lineta sobre o «i» de Turniol. O uso desse elemento gráfico tem, precisamente, como objetivo diacrítico evitar a leitura estampada pelo cónego compostelano.

⁴² Entre os beneficiados por essa manda encontra-se Macias, filho de um Pedro Eanes de Pontevedra em quem talvez devamos reconhecer Pedro da Ponte.

Sabemos que a família procedia da área de Pontevedra, mas desconhecemos a projeção social e política dos seus membros⁴³. Duas escrituras de 1253 (D.9) e 1260 (D.11) podem, no entanto, oferecer alguns importantes indícios ao respeito. Trata-se de dois atos diplomáticos pelos quais D. João Airas, arcebispo compostelano, adquiria diversas propriedades situadas, respetivamente, nos atuais concelhos de Cangas do Morrazo e de Cambados. Os escritos são confirmados por um «Gomecius Nunez/Nuni, dictus “Charinus”», certamente o pai do trovador. A sua presença nessas transações sugere que se tratava de uma personalidade pública importante no arcediagado do Salnês, talvez associada aos interesses da mitra nesse extremo meridional da diocese compostelana⁴⁴. Esse vínculo dos Charinhos com a Sé de Santiago pode ser relacionado com a cantiga *Ai, Santiago, padron sabido* (B 843/V 429) de Paio Gomes:

Ai, Santiago, padron sabido,
vos mh' adugades o meu amigo!
Sobre mar ven, quen frores d' amor ten,
mirarei madre as torres de Geen.

Ai, Santiago, padron provado,
vos mh' adugades o meu amado!
Sobre mar ven, quen frores d' amor ten,
mirarei madre as torres de Geen.

Trata-se, na verdade, de uma composição de conteúdo muito singular, já que não contamos com outras menções diretas do apóstolo São Tiago na lírica galego-portuguesa⁴⁵. Como se sabe, foi associada à visita de Sancho IV a Compostela em 1286⁴⁶.

A ligação dos Charinho à Sé de Compostela manteve-se com Rui Pais Charinho, filho do trovador, que cedeu ao cabido de Santiago um casal em Espinheiro, segundo consta no *LT*: «Juntaron a esta teença o casal d' Espineiro, que mandou ao cabidoo Rui Pls. Charino» (fól. 114v).

⁴³ Cotarelo Valledor (1934) oferece diversas notícias sobre a biografia do poeta, porém, nem sempre consegue discriminar claramente dados históricos da ficção. Vejam-se também, entre outros, Beltrán (1996) e Brea (1996).

⁴⁴ Notícias genealógicas muito posteriores relacionam a família com a freguesia de Aldám (c. Cangas do Morrazo), o que coincide com a área onde se situam as propriedades objeto de compra-venda. Contudo, esse vínculo geográfico concreto parece ser o resultado do casamento de Paio Gomes Charinho com Marinha Nunes Maldoado, bisneta de Pedro Airas de Aldám. É possível que os Charinho e os Maldoado-Aldám tenham ocupado espaços vizinhos na península do Morrazo.

⁴⁵ A referência a Santiago como santo padroeiro poderia estar relacionada com a extensão geográfica do tributo conhecido como Voto de Santiago.

⁴⁶ Essa mesma circunstância parece explicar a cantiga *A Santiagu' en romaria ven* (B 874/V 458) de Airas Nunes.

2.9. Jograis

Para além dos poetas já conhecidos, a documentação regista diversos indivíduos qualificados como jograis de que não ficaram pegadas na tradição manuscrita⁴⁷. A sua existência parece ser um indício, mais ou menos direto, sobre a existência de atividade literária trovadoresca em determinados espaços sociais e/ou geográficos.

Dois dos mais antigos testemunhos prendem-se a Rodrigo Gomes de Trava, personagem a que se atribui consensualmente o patrocínio do fenómeno trovadoresco. Um «Pelagius ioclar» confirma, em 1216, logo a seguir o nome desse magnate, a compra-venda de uma herdade em Zamora (D.2). Por sua vez, Pedro jogral de Betanços certifica a aquisição de uma herdade em Santo Tirso de Ambroa por esse mesmo D. Rodrigo (D.6). Em ambos os casos, é lícito supormos que se trata de jograis pertencentes ao séquito deste último.

Quanto ao resto das figuras, o aspeto de maior interesse tem a ver com a sua proximidade do estamento clerical. Assim, temos constância explícita da integração de três deles nesse agrupamento. Este é o caso do clérigo Martim, que confirma, em Padrom, uma compra efetuada pelo arcebispo de Santiago em 1254 (D.10). Fernando «iograr», com a função de «repositarius», surge junto aos membros do cabido compostelano em escrituras de 1279 (D.18) e 1282 (D.19)⁴⁸. Pedro Dias, jogral e cónego de Íria, atua como testemunha num ato documental lavrado em 1253 (D.8).

Apesar do não constar explicitamente a condição clerical, não podemos descartar a existência de nexos com esse mesmo meio por parte do jogral de Sisto, Martim, acima citado a propósito de Pedro Meogo, e ainda no caso de Fernando Peres, «dictus “iograr”», que ratifica uma compra de propriedades em Ames⁴⁹ pelo cónego compostelano D. Fernando em 1244 (D.5).

3. A CÚRIA CLERICAL E A CULTURA TROVADORESCA

Uma das conclusões mais salientáveis deste trabalho, a somar a outras evidências já conhecidas, é a constatação do relacionamento das camadas religiosas compostelanas com o lirismo galego-português. Não nos referimos apenas aos vínculos que vários poetas mantiveram com esse âmbito, mas, nomeadamente, à participação direta dos homens de religião da órbita jacobea na lírica galego-portuguesa. Essa realidade induz a pensar que a prática dessa atividade poética era amparada no interior desse círculo social, provavelmente pelas mais

⁴⁷ Estes exemplos somam-se a outros conhecidos, entre os quais se inclui a referência à jogralesca Marina no *Tombo de Caveiro* em 1235. Esta alusão assegura, como se sabe, que o termo jogral abrangia diversas funções e não deve ser necessariamente associado à composição poética.

⁴⁸ No *LT* encontramos uma notícia sobre uma casa que lhe pertencera na rua do Franco: «Da casa da Fonte do Franquo, que foi de Fernam jograr, reposteiro, et fui do chantre dom Lourenço Peres que a comprou, soldos VIIIº d' alfonsiis. Agora he da teença de Beduido que ten Bernal Martiis et temna agora por caullariza Alvar Dias cambeador, paga» (fól. 70r).

⁴⁹ A freguesia de São Tomé de Ames (c. Ames) encontra-se numa área imediata à cidade de Santiago.

altas instâncias. Ora bem, se atentarmos para as personalidades que, na altura, ocuparam o topo do poder na Igreja compostelana deparamos com, pelo menos, dois nomes suscetíveis de ter exercido esse patronato: o arcebispo João Airas e o deão Fernando Afonso⁵⁰.

A Igreja de Santiago viveu um período áureo, talvez o último na Idade Média, graças às iniciativas de João Airas, arcebispo de Santiago entre 1238 e 1266. A intensa atividade construtiva centrada na catedral «pretendia dotar daquelas dependências anexas que facilitaban a vida dos côengos e demais clérigos, ao mesmo tempo que, cun axeitado pazo-episcopal, situaría o conxunto catedralicio-episcopal nun nivel equiparabel ao que tiñan as capitais diocesanas mais destacadas do momento, sobre todo as francesas» (Izquierdo Perrín 1993: 185). A obra mais conhecida daquelas promovidas por D. João é, com efeito, o paço episcopal e, sobretudo, o magnífico salão do primeiro andar, algumas das mênulas do qual exibem cenas jogralescas. Porém, o projeto de cabeceira gótica para a catedral de Santiago, realizado só numa pequena parte, é o exemplo que melhor reflete o dinamismo artístico que se vivia no âmbito catedralício. Trata-se de uma realização inovadora que só se explica pelo influxo direto do gótico mais avançado do norte da França⁵¹.

Por outro lado, devemos notar que João Airas foi sobrinho segundo do trovador Osório Eanes, já que o seu avô, Pedro Airas, foi irmão de João Airas de Nóvoa pai do poeta. Como se sabe, encontramos-nos perante um grupo familiar ligado, por diversas vias, à origem e expansão do trovadorismo na Galiza⁵².

O deão é o máximo representante do corpo capitular, agrupamento que, na altura, dispunha de uma notável autonomia em relação à mitra. Esse cargo foi ocupado, entre 1246 e 1281, por Fernando Afonso, filho ilegítimo de Afonso IX, que também exerceu como arce-diago de Salamanca⁵³. Do seu relacionamento com Aldara Lopes de Ulhoa nasceu João Fernandes «Cabelos de ouro», mordomo de Sancho IV (1288-1292)⁵⁴. Para além do seu vínculo familiar com o rei galaico-leonês, reconhecido protetor da lírica galego-portuguesa, a conexão com Aldara Lopes também o liga familiarmente a esse movimento literário. Lembremos que entre os irmãos desta última encontramos o trovador João Lopes de Ulhoa e Teresa Lopes, segunda mulher de Fernando Pais de Tamalhancos⁵⁵.

⁵⁰ É óbvio que para além das circunstâncias pessoais, existem outros fatores de natureza diversa que podem explicar os vínculos da capital galega com o trovadorismo, mas a sua análise fica fora das pretensões deste trabalho.

⁵¹ Veja-se Puente Míguez (1985) e Manso Porto-Izquierdo Perrín (1993: 276-279).

⁵² Veja-se Souto Cabo ([no prelo]).

⁵³ A primeira menção de Fernando Afonso como deão compostelano leva-nos a 1246.08.27 (*TC*, fól. 71r). É provável que tenha morado em Santiago, pelo menos, até 1274.07.28 (*LC*, fól. 54r). Os registos posteriores, apesar de ter continuado como deão compostelano, situam-no em Salamanca até 1281.02.13 (Martín 1977, nº 368, 370, 380). Veja-se Calderón Medina (2011: 117).

⁵⁴ Ballesteros Berreta (1988: 1014-1015). Veja-se também Salazar y Acha (2000: 380).

⁵⁵ Não nos podemos esquecer do relacionamento muito positivo que manteve D. Sancho IV com a Igreja compostelana. Aliás, ele próprio chegou a visitar Santiago em 1272 (como infante), 1286 e 1291.

4. APÊNDICE DOCUMENTAL

1

1192, outubro, 8.

Pedro Juiães vende a João Afonso uma casa na rua de «Faiariis».

ACS, *Tombo C*, fôls. 60r-60v.

Ad hec scripta sunt, ut ea que agimus ne ignorancia offuscentur posterum memorie commendamus. Unde ego Iulianus Petri et omnis uox mea uobis Iohanni Adefonsi et uxori uestre Maria Martini omnique uoci uestre, puro corde et propria uoluntate, facio textum scripture firmitatis et carta uenditionis in perpetuum ualitura de una quarta integra illius domus que fuit patris mei Petri Pescocii, quae domo est sita in ipsa rua de Faiariis, loco certo, inter domum de Petro Mazela et, de alia parte, **inter domum de Iohanne Cothone**. Quam quartam integram predictae domus uobis ab integro uendo atque concedo cum exitu in rua publica et cum exitu interius contra saltum Beati Iacobi et cum sua cortina et cum suo pariete contra domum de Petro Mazela et cum suis mediis tabulatis et cum omnibus suis directuris eidem domui pertinentibus [...]. Facta carta uendicionis die VIII^o idus octobris, sub era M^a CC^a XXX^a. Ego ia dictus Iuliani Petri in hac carta uendicionis manus meas roboro. Qui presentes fuerunt: Martinus Rex confirmat. Martinus Arie confirmat. Iohannes Nuniz confirmat. Petrus Martini confirmat. Penas Albas confirmat. Petrus Mazela confirmat. Petrus Capela confirmat. Calueth confirmat. Suerius Pelagii notuit et confirmat. Petrus Famon et **Iohannes Cothon** confirmat. Petrus Iohannis confirmat.

2

1216.

Froila vende a Martim, bispo de Zamora, uma vinha.

ACS, *Tombo C*, fôl. 8r.

In nomine Domini, amen. Ego Froila monetarius et uxor mea Miasul [...] uendimus uobis domno Martino zemorense episcopo uineam illam quam habemus ultra sepulcrum circum strata que ducit Salamanticam [...]. Facta karta sub era M^a CC^a L^a III^a. Testes: Fernandus Cortes, canonicus. Munio Iohannis. Domnus Nicholaus. Dominus Isidorus. Domnus Thomas. Fernandus Iohannis. Rodericus Gomez. **Pelagius ioclar**. Petrus, comes [...].

3

1240.12.22 – Jacob Eanes, clérigo da Sé de Santiago.

João Peres, dito «Cavaleiro», vende a Bernardo Conde diversas propriedades na cidade e concelho de Santiago de Compostela.

ACS, *Tombo C*, fôls. 264v-265r.

In nomine Domini, amen. Notum sit omnibus quod ego Iohannes Petri, dictus «Caballarius», pelliperius, filius quondam Petri Caballarii et Maior Martini, et omnis uox mea, grato animo et bona uoluntate, uendo et firmiter concedo uobis domno Bernaldo Conde et uxori uestre domne Urrace Thome omnique uoci uestre de IIII^a illius domus de Preguntorio in qua moratur Petrus Frexenarius, de XV^{ti} quinionibus VIII^o quiniones que domus se tenet cum domno Martinus Regis, et quantum in ea magis habeo, et III^a uacas quas habeo in Gamaz et quicquid habeo in illa domo de Preguntorio, qui fuit aui mei domni Pelagii Piquiti, que se tenet recto cum domo domni Petri Arie [...]. Facta carta XI^o kalendas ianuarii, era M^a CC^a LXX^a VIII^a. Ego iam dictus hanc cartam confirmo et in ea roboro. Qui presentes fuerunt: Domnus Iohannes Fructuosi. Iohannes Martini, ferrarius. **Iulianus Arie, bulsarius.** Dominicus Petri, campsor. Pelagius Pelagii et Viuianus Martini de Occis, fratres Hospitali Sancti Iacobi. Ego Pelagius Martini, compostellane ciuitatis publicus notarius iuratus, interfui et confirmo et de mandato meo Iacobus Iohannis scripsit. Ego Iacobus Iohannis, clericus cori Beati Iacobi, de mandato magistri mei Pelagii Martini, compostellane ciuitatis publici notarii iurati, interfui et scripsi et confirmo.

4

1243.03.05 – Jacob Eanes (Santiago de Compostela).

Maria Miguéis vende a João Fernandes, dito «Rapado», o seu quinhão da vila de Guntim e o que possui na freguesia de S. Tomé de Ames (c. Ames).

ACS, Tombo C, fòls. 241v-242r.

In nomine Domini, amen. Notum sit omnibus presentibus et futuris quod nos, Maria Michaelis, simul cum filia mea Maiore Iohannis qui presens est et concedit, et omnis uox nostra, grato animo et bona uoluntate, uendimus et firmiter concedimus uobis Iohanni Fernandi, dictus «Rapatus», et uxor uestre Maiori Didaci, omnique uoci uestre, sextam partem unius none de medietate totius uille de Guntim et etiam quantum ibi magis habemus et in tota filigresia Sancti Thome de Oiames [...]. Facta carta III^o nonas martii, sub era M^a CC^a LXXXI. Nos iam dicti in hac carta manus nostras. Qui presentes fuerunt: Sebastianus Arie et Fernandus Pelagii, dictus «Sidra», campsores. **Pelagius Petri, dictus «de Cana».** Petrus Petri mercator. Ego Pelagius Martini, compostellanae ciuitatis publicus notarius iuratus, interfui et confirmo et de mandato meo Iacobus Iohannis scripsit.

5

1244.02.11 – Adão Peres, notário de Santiago de Compostela.

Paio Sebastião de Capéans (Covas, c. Ames) vende a D. Fernando, cónego compostelano, o que possui na vila de Entre-ambas-as-Eiras.

ACS, Tombo C, fòls. 213v-214r.

Ego Pelagius Sebastiani de Capianis et omnis uox mea, grato animo et spontane, uendo [...] uobis magistro Fernando, compostellano canonico, quantam hereditatem habeo in uilla de Inter-Ambas-Eiras [...] et ubicumque uox ista fuerit in feligresia de Sancti Thome de Ioannes quantam hereditatem ego habeo [...]. Facta carta, III^o idus february, sub era M^a CC^a LXXX^a secunda. Ego iam dictus in hac carta manus meas roboro. Qui presentes fuerunt Saluator Martini dictus de Congostra, mercator. Didacus Pelagii de Fonteelo. Pelagius Petri dictus da Caal. **Fernandus Petri, dictus «iogradar»**. Dominicus Petri, homo domni Aluiti Arie decani mindoniensi. Martinus Dominici, homo supradicti magistri Fernandi. Ego Adam Petri, notarius compostellanus iuratus, interfui et scripsi et confirmo.

6

1249.10.15 – Miguel Peres, notário do concelho de Betanços.

Maria Nunes vende a D. Rodrigo Gomes de Trastâmara o que possui na vila de Ambroa. ACS, Tombo C, fól. 153r.

In Dei nomine. Notum sit omnibus quod ego Maria Nuni [...] uobis dono Roderico Gomecii et uxori uestre domne Maori Alfonsi et uoci uestre [...] facimus uobis textum scripture firmitatis et cartam uendicionis imperpetuum ualituram, uidilicet, quod nos uendimus uobis et concedimus totam meam hereditatem [...] et est ipsa hereditas in terra de Prucis, in uilla de Ambrona, in feligresia Sancti Tirsi [...]. Idus october, in era M^a CC^a LXXX^a VII^a [...]. Qui presentes fuerunt: Melendus Suerii, miles, testis. Petrus Monien de Uilla Mourel, miles, testis. Petrus Baluga, miles, testis. Iulianus Petri, miles. Iohannis Petri, iudex de Prucis, testis. Pelagius Daimir, armiger, testis. **Petrus, iogradar de Betanciis**. Michael Petri, concilii de Betanciis et iudicum domini regis notarius iuratus presens fui, notui, scripsi et confirmo.

7

1252, maio, 15 – Martim Eanes (Santiago de Compostela).

Cristina Fernandes vende a João Airas, arcebispo compostelano, a parte que lhe corresponde numa herdade em Pedroselas (S. Simão de Ons-Cacheiras, c. Teo).

ACS, Tombo C, fôls. 252r-252v.

In nomine domini, amen. Notum sit omnibus quod ego Cristina Fernandi de Sancto Felice, pro me et pro omni uoce mea, presente et concedente genero meo Dominico Petri, grato animo et spontanea uoluntate vendo et firmiter concedo uobis Iohanni Martini, homini domni Iohanni compostellani archiepiscopi, comparante pro uobis et pro uxore uestre Maiore Martini et pro omni uoce uestre et sua, pro precio mihi et uobis conplacabili, uidilicet solidos XXXIII legionenses, quos confiteor me iam a uobis integre recepisse, renunciatis exceptioni non numerate et tradite seu recepte pecunie, medietatem illius octaue hereditatis in Pedroselis in filigresia Sancti Simeonis de Oens quam ego habeo et teneo in iure et in manu pro fratre

meo Dominico Fernandi, qui ibi habebat unam octauam totius uocis nostre et de ipsa octaua uendo uobis medietatem [...]. Facta carta idibus maii, sub era M^a CC^a LXL^a. Ego iam dicta in hac carta manus meas. Qui presentes fuerunt: Pelagius Martini, dictus «Parenthe», et gener eius Fernandus Pelagii, dictus «Spina», campsores. Alfonsus Stephani de Fonte de Regine, pixotarius, et **Fernandus Petri, dictus «Turniol», de Villari**. Ego Oduarius Iohannis notarius compostelanus, iuratus, interfui et confirmo. Et de mandato meo infrascriptus Martinus Iohannis scripsit. Ego Martinus Iohannis interfui et de mandato Oduarii Iohanis, notari compostellani iurati, scripsi.

8

1253.07.26 – Paio Martins, notário de Padrom.

Airas Eanes de Barco vende a João Airas, arcebispo compostelano, o quinhão que lhe corresponde no peixeiro de Ervom e noutros situados no rio Ulha.

ACS, *Tombo C*, fól. 81r.

In Dei nomine. Ego Arias Iohannis de Barco et uxor mea [...] uobis Arie Martini in nomine et uoce domni Iohannis, Dei gratia, archiepiscopi compostellani [...] facimus cartam uenditionis in perpetuum ualituram de tercia parte tocius quinionis que habuit et habere debet quandam Pelagius Petri de Pereiro [...] in piscariis de Arenis que sunt in flumine Ullie sub signo Sancte Marie de Orbone [...]. Facta carta uenditionis, sub era M^a CC^a LXL^a prima et quotum VI kalendas Iulii. Nos idam dicti in hac carta manus nostras roboramus. Qui presentes fuerunt: Iulianus Petri, domnus Pelagius, Iohannes Irigius. **Petrus Didaci, iograr**, Martinus Iohannis et Arias Iohannis, canonici irienses. Ego Pelagius Martini iuratus notarius Petroni interfui et notuit.

9

1253, outubro, 10 – Domingos Peres, escriba do arcebispo João Airas.

Aldonça Fernandes e o marido João Airas de Meira vendem ao arcebispo compostelano João Airas diversas propriedades em Cangas do Morrazo.

ACS, *Tombo C*, fôls. 178v-179r.

Notum sit omnibus tam presentibus quam futuris quod ego domna Eldoncia Fernandi uxor domni Iohannis Arie de Meira, pro me et pro ipso uiro meo absente et pro omni uoce mea et sua, uendo et firmiter concedo uobis domno Iohannes, Dei gratia compostelano archiepiscopo et successoribus uestris, totam illam hereditatem quam ego et predictus uir meus comparauimus de domna Sancia Muniz in Geestedo et in Cangas et Inter Ambos os Rios, in filigrisia de Coiro. Uendo etiam uobis et successoribus uestris [...] totam uocem que ego et dictus uir meus habemus et habere debemus in Uilantes [...]. Facta carta VI idus october, sub era M^a CC^a nonagessima prima. Qui presentes fuerunt: abbas de Armenteira. Petrus Uilielmi

cantor. Gundisaluus Roderici de Nendis et D. Roderici de Salnes, archidiaconi. Martinus Petri, magister scholarum. Nuno Fernandi et magister Uitalis, iudices compostellani. **Gomecius Nunez, dictus «Charinus»**. Fernandus Petri, dictus «Lobatus». Ego Dominicus Petri scriptor predicti domini archiepiscopi interfui, scripsi et confirmo.

10

1254, dezembro, 21-24 – Paio Martins, notário de Padrom.

Urraca Guilherme e outros vendem a João Airas, arcebispo de Santiago, o que possuem em «Carraes» (Iria, c. Padrom).

ACS, Tombo C, fôls. 260v-261r.

In nomine Domini. Ego Urracha Gulielmi de Petrono pro me et pro uiro meo Petro Pelagii dicto «Meo Lumine» absente et ego Paytinus et ego Marina Fragildi [...] uobis domno Johanni, Dei gratia, archiepiscopo compostellano, pro uobis pro successoribus uestris omni-que uoci uestre est sue facimus cartam uenditionis imperpetuum ualituram de tota hereditata quam nos et predicti habemos et habere debemus de auo et de ganancia in uillis de Carraes ex uia publica ueteri Sancto Iacobo usque Soelerios que sunt in filigresia Sancte Marie Irie [...]. Facta carta uenditionis sub era M^a CC^a LXL^a secunda et quotum XII kalendas ianuarii. Nos iam dicti in hac carta manus nostras roboramus. Qui presentes fuerunt: domnus Petrus Sardina. Iohannes Martini, iusticiarius Petroni. Fernandus Nunez, clericus de Vameo. Fernandus Arie de Petrono. Iohannes Assorarius Petroni interfui [...]. Item, sub predicta era et quotum VIII kalendas ianuarii, ego Maior Nuniz et Marie Nuniz file Nuni Bogeia concedimus et confirmamus [...]. Qui presentes fuerunt: Iohannes Michaelis Rominus. Iohannes de Bem, marinarius. **Martim iograr, clericus** [...]. Ego Pelagius Martini iuratus notarius Petroni interfui et notui.

11

1260, setembro, 2 – Paio Airas, notário de Lobeira.

Pedro Dias de Meis vende a João Airas, arcebispo de Santiago, o que possui em Vila-rinho (c. Cambados).

ACS, Tombo C, fôl. 134r.

Notum sit omnibus quod ego Petrus Didaci de Meix, miles, [...] uendimus et firmiter concedimus uobis Iohanni Sancii, iudici de Luparia, comparanti in uoce et nomine domini archiepiscopi Iohani Arie quanta hereditatem habemus uel habere debemus in Uilarino, in filigrisia de Sancto Adriano [...]. Facta III^o nonas septembris, era M^a CC^a LXL^a VIII^a. Huius rei testes: Petrus Iohannis, iudex de Caldas. **Gomecius Nuni, dictus «Charinus»**. Rodericus Pelagii Soga. Iohannes Soutelo de Rabinadi, miles. Iohannes Radio, miles. Pelagius Roderici de Gunderei. Petrus Iohannis de Erosa, miles. Ego Pelagius Arie, notarius iuratus de Luparia, interfui et scripsi et confirmo.

12

1260.10.12 – Domingos Peres, clérigo.

João Miguéis de Casal do Miro vende a Fernando Afonso, deão compostelano, o que lhe pertence na vila de Oseve (S. Simão de Ons-Cacheiras, c. Teo).

ACS, Tombo C, fôls. 72v-73r.

In nomine Domini, amen. Notum sit omnibus quod nos, Iohannes Michaeli de Casali de Amiro, pro me et pro fratre meo Martino Michaeli, absente, e pro omni uoce mea et sua, et Maria Fernandi et Eluira Fernandi sorores, pro se ipsis et pro uoce sua, uendimus et firmiter concedimus uobis Iohanni Barcala, clerico, comparanti, nomine et uoce domni Fernandi, decani compostellani et uocis sue, pro solidos XXⁱⁱ legionenses, quos iam a uobis nomine ipsius recepimus, et renunciamus excepcioni de dictis denariis nos non numeratis et non traditis, quartam partem de quanta hereditate cum omnibus suis directuris ubicumque fuerint in uilla de Oseue, que est in filigresia Sancti Simeonis de Aoes. Et debemus ipsum decanum amparare cum dicta hereditate pro nos et pro omnia bona nostra. Si quis igitur contra hanc uendicionem nostram uenerit, quisquis fuerit, pectet ipsi decano uel uoci sue solidos XL forte monete, carta et uendicione nichilominus in suo robore permanentibus. Facta carta III^o idus octobris, era M^a CC^a LXL^a VIII^a. Nos, iam dicti, in hac carta manus nostras. Qui presentes fuerunt: Dominicus Pelagii de Monte. Iohannes Arie, rasor domini archiepiscopi. Dominicus Petri et **Sancius Sancii, clerici**. Petrus Pelagii, dictus «Batalla», et Siluester Iohannis de Recesende, et **Petrus Moogus, clericus de Sancto Simeone, clerici presbiteri**. Ego Petrus Didaci, notario compostellano iuratus, interfui et confirmo et de mandato meo infrascriptus Dominicus Petri scripsit. Ego Dominicus Petri, clerico, de mandato Petri Didaci, notarius concilii compostelani, iurati scripsi.

13

1261.09.25.

Miguel Fernandes de Costenla e outros vendem Fernando Afonso, deão compostelano, o que lhes corresponde num prado em Costenla (S. Simão de Ons-Cacheiras, c. Teo).

ACS, Tombo C, fôls. 164v-165r.

In nomine domini, amen. Era M^a CC^a LX[L]^a VIII^o et quotum VII^o kalendas octobris. Notum sit omnibus quod nos Michael Fernandi de Costeela et uxor mea Maria Iohannis, pro nobis et pro filiabus mei predicti Michalis Iohannis quos habui de Marina Martini, quondam uxore mea, absentibus et pro omni uoce uestra et earum et Petrus Iohannis et Dominicus Iohannis de Costeela fratres, pro se ipsis, et pro fratre suo Iohanne Iohannis absente et pro omni uoce sua et ipsius **Petrus Moogus, presbiter ecclesie Sancti Simeonis de Oens**, et frater suus Iohannes Velasco et **Martinus, iograr de Sisto**, et Petrus Iohannis de Pedrouzo, pro se ipsis et pro omni uoce sua uendimus et firmiter concedimus uobis Iohannis Pelagii, dicto

Barcala, clerico comparanti nomine et uoce domni Fernandi Alfonsi, decani compostellani, et uocis sue pro solidos CXX legionenses de quibus confitemur nos esse bene pacatos et renunciamus omni excepcioni que nunquam inde dicamus contrarium quantumque nos habemus et habere debemus de auolencia et de ganancia in illo prato de Costeela, tam in hereditate ipsius prati quam in arboribus que stat in ipso prato sicut ipsum stat uallatum et clausum. Et debemus dicto decano amparare quantum habemus in ipso prato et uobis nomine suo uendimus ab omni inpeticione omnium hominum per nos et per omnia bona nostra, secundum que uendimus et sciendum que nos predicti de Costeela tenemur amparare eidem decano quantum habemus in dito prato per quantum habemus in uilla de Costeela et de cetero predictus decanus et uox sua faciat de predicta hereditate totam suam uoluntatem in perpetuum.

14

1269.02.19 – João Nunes (Santiago de Compostela).

João Eanes, cambista da rua da Moeda Velha, e a mulher, Sancha Martins, vendem a Nuno Fernandes, arcediano de Salnês, o que possuem na vila de Chagege e Portela, no casal de Moua e na freguesia de S. João de Calo (c. Teo).

ACS, Tombo C, fôls. 259v-260r.

In nomine Domini, amen. Notum sit omnibus que nos Iohannes Iohannis, dictus «Frade», campsor de rua de Moneta Ueteri et uxor mea Sancia Martini, pro nobis et pro omni uoce nostra, uendimus et firmiter concedimus uobis domno Nuno Fernandi archidiacono de Salnes omnique uoci uestre totam hereditatem et uocem et demandam quantam nos habemus de auolencia et de ganancia, tam pro nobis quam pro Guntrode Martini sorore mei dicte Sancia Martini, in uilla de Chagege, et Portela, et in casali de Moua et in tota feligresia Sancti Iohannis de Calo [...]. Facta carta XI^o kalendas marcii, era M^a CCC^a VII^a. Qui presentes fuerunt **Petrus Iohannis, dictus «Moxe», porcionarius compostellanus**. Iohannes Petri, dictus «Roxus», duplarius decani Martinus Alfonsi, et Petrus Petri de Aaro, clerici chori compostellani. Munio Petri, campsor. Martinus Martini, dictus «Peitauim». Iohannes Petri, dictus de Genesio de Petrono. Ego Fernandus Iohannis, notarius compostellanus, interfui et in mea presencia feci scribi per Iohannem Nunez, infra scripto, et signum meum appono. Ego Iohannes Nuni de mandato Fernandi Iohannis notarii compostellani iurati scripsi.

15

1269.09.12 – Santiago de Compostela.

Testamento de Abril Fernandes, cónego compostelano.

ACS, Tombo C, fôls. 38v-39v.

In nomine Domini, amen. Era M^a. CCC. VII^a et quotum II^e idus september. Notum sit omnibus que ego Aprilis Fernandi, canonicus compostellanus, licet infirmus corpore tamen

sanus mente et cum integritate sensus corporis mei, dispono et ordino qualiter post mortem meam omnia bona mea remaneant ordinata. Primo, mando corpus meum sepeliri in cimiterio Beati Iacobi, scilicet, in sepultura ubi iacet patruus meus cardinalis Martinus Pichot. Item lego meo domno futuro compostellano archiepiscopo solidos D et mense archiepiscopi quinonem meum domus de Preguntorio que emi de Marina de Noia et sorore sua Palmeira, que domus stat in directo domorum Fernandi Galleci. Item, lego compostellano capitulo partem meam uille de Gamaz cum populacione seruicialium exceptis debitis et pane et solidos CC in die sepulture mee, set uolo que teneat eam Fernandus Fructuosi, canonicus, in uita sua et post mortem suam deuoluatur ad capitulum et det dominiatim in recognitione domni capitulo solidos X in die kalendarum aprilis, quia in ista die estatuo anniuersarium meum. Et ipse Fernandus Fructuosi faciat ante quam intret possessionem instrumentum capitulo que tenet illum locum pro solidos XL arrendatum. Item, domno Pelagio Iohannis iudicis ius patronatus quod magister Pichot habeat in ecclesiis Sancte Marie de Luou et Sancti Michaelis de Raariz et fecit successionem de eo. Et ego adiungo ipsi ius patronatus quod acquisiui de quodam clerico in ecclesia de Raariz et post mortem suam dimittat clerico de genere magistri Pichot. Item, uolo que monasterio de Canogio intret hereditatem suam quam de eo teneo in Pedrido. Et lego ei seruiciale sicut stat populatum et cum omni debito quod mihi debet et cum pane si ibi fuerit et in super solidos LX. Item, monasterio Saris solidos XX. Item, ouentie uel prioratui monasterii Sancti Martini que debent habere ecclesie de Ameyxeeda solidos X. Item, Bone Ualli solidos XL. Item, Valli Dei solidos XX. Item, Roci de Valli, solidos X. Item, clericis chori Beati Iacobi solidos XXX. Item, confraternitati presbiterorum solidos XX, et quod celebrent missam de requie pro anima mea. Item, malatariis de Sancto Lazaro et de camino de Petrono solidos VI. Item, thesaurario Petro Aprilis solidos CC. Item, domno Martin Aprilis solidos C. Item, Benedicto Martini canonico solidos CC. Item, Assencio Aprilis solidos C. Item, soprine mee Marie Felicis solidos C. Item, Pelagio Iohannis canonico solidos C. Item, Martino Martini clerico consanguineo meo solidos CC et summam meam de Gaufrido. Item, lego Aprilis Iohannis consanguineo meo librum meum codicem de legibus et solidos C. Item, lego consanguineo meo domno Iohanni Elie, campsor, integraliter domum meam de Vico Novo in quo moror que est sita prope ecclesiam Sancte Marie de Vico Nouo. Ite, sorori mee Urrace Fernandi VIII^a partem illius domus de Vilari in quo ipsa moratur, que fuit patris nostri et quantum in ea magis habeo, tam ex donacione matris quam ex quinione meo. Lego dicte sorori mee et Marie Felicis soprine mee et filiis Marie Fernandi sororis mee per tercias et si aliquis soprinorum contra illud quod eis lego uenerit deuoluatur ad sororem meam. Item, domne Maiori Iohannis sorori iudicis solidos C. Item, domno Iohanni Iohannis de Campo consanguineo meo solidos LX. Item, Petro Fernandi Galuan solidos LX. Item, consanguineo meo Iulianus Petri, campsor, solidos LX et fratre suo **Aprili Petri** solidos LX et fratri suo Fernando Petri clerico solidos C. Item, Dominico Fructuosi solidos LX. Item, Aprili Sebastinai solidos LX. Item, Macie **filiu Petri Iohannis de Ponte Ueteri** solidos L [...]. Item domne Sancie Aprilis, amite mee, solidos XL [...]. Item, **Dominico Turniol**

soprino meo domum meam de Preguntorio que stat prope introitum monasterii de Antealtaria et uolo que dominus Iohannes Elie teneat istam domum et det ei medium locarium ad auxilium studi et ex quo uiderit quod est in bona discrecione et non dilapidator mittat ei domum in manu. Item, **Alfonsi Turniol** solidos CC. Item, **Paulo Turniol** solidos CC [...]. Item, lego supradicte sorori mee Urrace Fernandi quantam hereditatem habeo in uilla qui uocatur Nespereira superior cum parte casalis de Mazeira [...]. Item, consanguineo meo Iohannis Iohannis, fratri April Iohannis, solidos C [...]. Instituo mihi heredes domnum Pelagium Iohannis iudicem compostellanum et Iohannem Elie, campsores, consanguineos meos in omnibus residuis bonis meis mobilibus et immobilibus [...]. Qui presentes fuerunt: Pelagius Iohannis iudex. Magister Michael. Petrus Boneth et Iohannes Dominici, cardinalis compostellani. Iohannes Elie, campsor. Vilielmus Iohannis. Iohannes Iohannis. Iohannes Fernandi et Arias Iohannis, clerici chori Beati Iacobi.

16

1276.10.23 – Belvis (Santiago de Compostela).

*Testamento de Nuno Fernandes, arcediogo do Salnés.*ACS, *Tombo C*, fôls. 42r-44r⁵⁶.

In nomine Domini, amen. Nouerint uniuersi quod ego Nunus Fernandi, archidiaconus de Salnes, in Ecclesia Compostelana [...] dispono et ordino de omnibus bonis meis qualiter post obitum meum remaneant ordinata [...]. Item, lego Roderico Petri, dicto Uello, et Fernando Fidelis, fratri suo, illa casalia que de Roderico Petri comparauit in Pestomarchis [...]. Item, **Iohannis Martini Moxe**, solidos C. [...]. Actum fuit hoc in Beluis, III nonas nouembris, in era M^a CCC^a XVI^a. Presentibus: fratre Laurentio et fratri Lupo Roderici, ordinis predicatorum. Iohanni Dominici, archidiacono de Regina. Petro Petri de Aaro et Laurentio Petri et Marcho Petri, clericis. Alfonso Nunez, Petro Iohannis Marteirado, Iohannes Petri, dicto de Calo, **Iohannes Martini Moxe**, hominibus predicti archidiaconi.

17

1279.08.5 – Fernando Eanes, notário compostelano.

*Testamento do juiz compostelano Fernando Afonso.*ACS, *Tombo C*, fôls. 50v-52r⁵⁷.

In Dei nomine, amen. Ego Fernandus Alfonso, iudex compostellanus existens, in meo bono sensu et in mea bona memoria, dispono de rebus meis qualiter post obitum meum remaneant ordinate. In primis, lego et conmito animam meam suo creatori et redemptori, domno

⁵⁶ Veja-se, *Galicia Histórica* LIV.

⁵⁷ Outra cópia deste testamento consta nos fôls. 8r-8v.

saluatori meo Ihesu Christo. Item mando corpus meum sepeliri in cimiterio ubi iacet mater mea, iuxta portam ecclesie Beati Iacobi qua itur ad Quintana Palacii [...]. Item Bone Uallis et Ualli Dei L morabitos. **Item fratri Bernardi, priori Bone Uallis**, lectum meum cum culcitram et puluinarii et cum aliis pannis ipsi lecto pertinentibus [...]. Item Iohanni Dominici, clerico meo, decretales meas et omnes alios libros et mando que heres meus det ei XXVII libras alfonsinas pro quibus ei obligate decretales mee et Summa Gaufredi [...]. Item mando pauperibus C octauas de pane distribuendas secundum quod uisum fuerit **fratri Bernardo, priori Bone Uallis**, et uolo que soluantur de pane quem habuero tempore mortis mee et si non habuero panem tunc soluantur de primo pane nouo hereditatum mearum [...]. Uolo tamen quod Iohannes Cotalaia et Iohannes Dominici Lagea et Iohannes uarredeiro et Petrus Carolo et Martinus Grolo reddeant computum herede meo de hiis que tenuerent de me per **priorem Bone Uallis** [...]. Item mando alias C octauas de pane dari personis illis de quibus indebitur **priori Bone Vallis**. Uolo et mando que omnia debita mea et omnes demande siue questiones que facte fuerint de me et contra me et qualiter fuerint siue de iure patronatus siue de quibuscumque aliis heredes meos ea uel eas corrigat et emendet sine strepitu iudici ad mandatum et uoluntatem **prioris Bone Vallis** [...]. **Ego frater Bernardus, prior Bone Uallis, ad rogatum domni Fernandi Alfonsi, iudicis compostellani, dicentis hoc esse suum testamentum confirmo et subscribo et sigillum meum appono** [...]. Ego Fernandus Iohannis, notarius compostellanus, ad rogatum domni Fernandi Alfonsi predicte confitentis in mea presencia hoc esse suum testamentum eorumdem testium subscripcionibus et eiusdem iudicis subscripcioni interfui et subscribo et confirmo et signum meum appono, presentibus testibus et iudice supradictis. Actum est in domo dicti iudicis, nonas augusti, sub era M^a. CCC^a. XVII^a.

18

1279.08.14

Permuta de uma casa entre Fernando Afonso, deão de Santiago, e João Eanes do Campo.

ACS, *Tombo C*, fól. 279v.

Hoc est concambium seu permutatio inter Petrum Martini, archidiaconi de Coronato, tenente uices domni Fernandi Alfonsi, decani compostellani, et capitullum eiusdem, ex una parte, et Iohanne Iohannis de Campo, ciues compostellanus, ex altera [...] ita quod capitullum dat et concedit eidem Iohanni Iohannis [...] illam domum suam quam habent in Buca de Campo [...]. Actum in Capitullo, XVIII kalendas september, in era M^a CCC^a XVII^a. Presentibus: Petro Fidelis, cantor. Fernando Alfonsi, iudice. Petrus de Don et Alfonso Petri, cardinales. D. Pelagii Baluginus, **Fernando iograr**, Petro de Salnes et M. Iacobi, homines predicti capituli [...].

19

1282.01.19 – Domingos Peres – Cabido da Sé de Santiago de Compostela.

João Eanes, dito «de Marinho» de Ponte de Lima, confirma que usufrutua, por cessão do cabido de Santiago, diversas propriedades em Mongoi (c. Ponte de Lima).

ACS, Tombo C, fól. 169r.

Era M^a CCC^a XX^a et quotum XIII kalendas februarii. Notum sit omnibus quod ego Iohannes Iohannis, dictus de Marino de Ponte de Limie, nomine meo et uxoris mee, domne Marinne, facio pactum et placitum firmum in D morabitanos roboratum uobis domno Petro Fidelis cantori, tenenti uices decani et capitulo compostellano, ita quod ego confiteor me tenente et possidente a uobis et nomine uestro omnes domos et aream et cortinam de Mongoi apud villam Pontis Limie [...] et que sunt uestre et uos capitulum compostellanum datis et concedetis eas mihi ad tenendum de uobis et nomine uestro in uita mea [...]. Actum fuit hoc in capitulo compostellano congregato in loco consueto per pulsationem canpane predicta die et era in presencia mihi Dominici Petri, publici notarii compostellani [...]. Presentibus: decano cantore, Petro Boneth, Petrus de Don et A. Petri cardinalibus. M. Petri, B. Petri, F. Fructuosi, P. Stephani, Iohannes Petri de Auria et Iohannes Petri de Tuda et F. Gundisalui, canonicis compostellanis. Sancio Petri, clerico. Petro Martini de Ferrariis et **Fernandus, iograr, repositariis** et pluribus aliis.

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo Filho, L. de A. (1981): *As cantigas de Pero Meogo*. Brasília: Tempo Brasileiro-Instituto Nacional do Livro (2^a ed.).
- Ballesteros Berreta, A. (1988): *Alfonso X el sabio*. Barcelona: Albir [1^a ed. 1966].
- Beltrán, V. (1996): “Tipos y temas trovadorescos. XI. La corte poética de Sancho IV”, em C. Alvar e J. M. Lucía Megias (orgs.): *La literatura en la época de Sancho IV (Actas del Congreso Internacional «La literatura en la época de Sancho IX», Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994)*. Alcalá: Universidad de Alcalá, pp. 121-140.
- Beltrán, V. (1997): “A alba de Nuno Fernandez Torneol”, *Revista galega do ensino* 17, pp. 89-109.
- Brea, M. (1996): “Pai Gómez Chariño y el mar”, em C. Alvar e J. M. Lucía Megias (orgs.): *La literatura en la época de Sancho IV (Actas del Congreso Internacional «La literatura en la época de Sancho IX», Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994)*. Alcalá: Universidad de Alcalá, pp. 141-152.
- Calderón Medina, I. (2011): *Cum magnatibus regni mei: la nobleza y la monarquía leonesa durante los reinados de Fernando II y Alfonso IX: (1157-1230)*. Madrid: C.S.I.C.
- Castro Toledo, J. (2010): *Documentos de la Colegiata de Valladolid. 1084-1300*. Valladolid: Diputación de Valladolid.
- Cotarelo Valledor, A. (1934): *Cancionero de Payo Gómez Chariño, almirante y poeta (siglo XIII)*, Madrid [Texto crítico, con introducción, notas, glosario, apéndices y bibliografía de E. Monteagudo Romero, Santiago: Xunta de Galicia, 1984].

- Couceiro, J. L. (2008): “Máis datos para Moogo e Meogo”, em M. Brea, F. Fernández Rei, X.L. Regueira (eds.): *Cada palabra pesaba, cada palabra medía. Homenaxe a Antón Santamarina* Santiago: Universidade de Santiago, pp. 463-474.
- Galicia Histórica* (1901): Santiago: Tipografía Galaica.
- Díaz y Díaz, M. C.-López Alsina, F.-Moralejo Álvarez, S. (1985): *Los tumbos de Compostela*. Madrid: Edilán-Banco Simeón.
- Fernández Campo, F. (1993): “Martin Moxa”, em G. Lanciani e G. Tavani (orgs.): *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 438-440.
- Indini, M. L. (1978): *Bernal de Bonaval. Poesie*. Bari: Adriatica Editrice.
- Izquierdo Perrín, M. (1993): “Diáspora dos mestres do obradoiro de Mateo”, em *Galicia Arte: arte Medieval*. Corunha: Hércules, vol. XI, pp. 136-253.
- Justó Martín, M. X.-Lucas Álvarez, M. (1991): *Fontes documentais da Universidade de Santiago de Compostela. Pergameos da Serie Bens do Arquivo Histórico Universitario (Anos 1237.1537)*. Santiago: Consello da Cultura Galega.
- Lírica Profana Galego-Portuguesa* (1996): Coord. por Mercedes Brea. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- López Ferreiro, A. (1902): *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*. Tomo V. Santiago: Seminario Conciliar Central.
- Lorenzo Gradín, P. (1996): “Gómez Garcia, abade de Valadolide”, em C. Alvar e J. M. Lucía Megías (orgs.): *La literatura en la época de Sancho IV (Actas del Congreso Internacional «La literatura en la época de Sancho IX», Alcalá de Henares, 21-24 de febrero de 1994)*. Alcalá: Universidad de Alcalá, pp. 213-243.
- Mansilla Reoyo, D. (1945): *Iglesia castellano-leonesa y Curia romana en los tiempos del rey San Fernando*. Madrid: C. S. I. C.
- Manso Porto, C. (1991): *El arte de la Orden de Santo Domingo en la Galicia Medieval*. Tese de doutoramento. Madrid: Universidad Complutense-Facultad de Geografía e Historia.
- Manso Porto, C.-Izquierdo Perrín, M. (1993): “A arte gótica”, em *Galicia Arte: arte Medieval*. Corunha: Hércules, vol. XI, pp. 254-503.
- Martín, J. L.-Villar García, L. M.-Marcos Rodríguez, F.-Sánchez Rodríguez, M. (1977): *Documentos de los Archivos Catedralicio y Diocesano de Salamanca (siglos XII-XIII)*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- Méndez Ferrín, X. L. (1966): *O cancionero de Pero Meogo*. Vigo: Galaxia.
- Oliveira, A. R. de (1994): *Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XVI*. Lisboa: Colibri.
- Ortiz de Zúñiga, D. (1795): *Anales eclesiásticos y seculares de la muy noble y muy leal ciudad de Sevilla*. Madrid: Imprenta Real [Reed. Sevilla: Guadalquivir, 1988].
- Puente Míguez, M. (1985): “La catedral gótica de Santiago de Compostela. Un proyecto frustrado de D. Juan Arias (1238-1266)”, *Compostellanum* XXX, pp. 245-275.
- Rodríguez de Lama, I. (1977): *La documentación pontificia de Alejandro IV (1254-1261)*. Roma: Instituto Español de Historia Eclesiástica.
- Rodríguez, J. L. (1980): *El cancionero de Joan Airas de Santiago. Edición y estudio*. Anexo 12 de *Verba*. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela.
- Salazar Acha, J. (2000): *La casa del Rey de Castilla y León en la Edad Media*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales.

- Souto Cabo, J. A. (2006): “Pedro Garcia de Ambroa e Pedro de Ambroa”, *Revista de literatura medieval* XVIII, pp. 225-248.
- Souto Cabo, J. A. (2008): *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII. Monografía 5. Revista galega de filoloxía 5.*
- Souto Cabo, J. A. (2012a): “Lopo Lias: entre Orzelhão e Compostela”, *Diacrítica* 25/1, pp. 109-134.
- Souto Cabo, J. A. (2012b): “*In capella domini regis in Ulixbona* e outras nótulas trovadorescas”, em *Actas del XIV Congreso Internacional de la AHLM (Murcia, 6-10 de septiembre, 2011)*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 777-784.
- Souto Cabo, J. A. ([no prelo]): *Adeante se começam as cantigas que fezerom os cavaleiros. Aproximação às origens socioculturais da lírica galego-portuguesa*. Niterói/RJ: EdUFF.
- Souto Cabo, J. A.-Vieira, Y. F. (2003): “Para um novo enquadramento histórico-literário de Airas Fernandes, dito «Carpancho»”, *Revista de literatura medieval* XVI/1, pp. 221-277.
- Stegagno, L. (1968): *Martin Moya. Le poesie*. Roma: Edizioni dell’Ateneo.
- Vieira, Y. F.-Morán Cabanas, I.-Souto Cabo, J. A. (2012): *O amor que levei de Santiago. Roteiro da lírica medieval galego-portuguesa*. Noia: Toxosoutos.